

O POLÍTICO E O IDEOLÓGICO NO PERIODISMO CAMPINENSE: DIVERSIFICAÇÃO E SEGMENTAÇÃO DOS IMPRESSOS (1910-1940)

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

Orientador: Severino Cabral Filho

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

gaudencio_bruno@yahoo.com.br

Foram imensas dificuldades da criação de uma cultura impressa na cidade de Campina Grande. Ao mesmo tempo em que evidenciamos que houve dezenas de periódicos em funcionamento entre os anos 10 e 30, chegamos à conclusão que quase todos estas folhas circularam por poucos números, em periodicidades mínimas, com poucos deles chegando a se afirmarem dentro do campo jornalístico e político da cidade, exceção feita aos jornais *Correio de Campina* e *O Rebate*, que funcionaram durante mais de duas décadas cada um.

Por outro lado, o “fazer jornais” tornou-se uma das atividades centrais de grêmios escolares, das associações recreativas, dançantes e artísticas, dos grupos literários, no momento em que Campina Grande crescia o número de instituições e associações. O que explica, à primeira vista, o grande número de periódicos, em meio ao processo de transformação das práticas culturais na cidade intensificadas principalmente a partir da década de 1930.

Novas formas de sociabilidade se impuseram, com jornais e revistas projetando sobre a cidade as demandas de diferentes grupos sociais e dando visibilidade a um processo de ocupação/ invenção dos lugares públicos. A imprensa constituiu-se assim como um dos espaços de gestão e manifestação de novas significações e projetos sociais. Neste contexto, o lazer, o político, o literário, traduziram os temas destes anseios.

Com isso, o jornalismo vivenciou um processo de transformação bastante rápido, articulando-se estreitamente com a vida urbana. Para expandir seu público, as folhas e revistas, acolhendo os projetos, interesses e gostos das novas camadas urbanas, avançaram sobre terrenos anteriormente alheios ao universo da imprensa, o que pode explicar o bom número de jornais ligados a sindicatos, clubes literários, as associações recreativas, escolas, etc.

A história da imprensa de Campina Grande inicia-se com a fundação do primeiro jornal da cidade: a *Gazeta do Sertão*, criado por Irineu Joffily e Francisco Retumba, em setembro de 1888. Impresso pelo tipógrafo Tito Silva, sua tiragem era de 800 exemplares, possuindo uma linha ideológica “*que disseminou idéias progressistas como a da autonomia dos municípios, descentralização do poder, a defesa dos direitos humanos e o abolicionismo da escravatura*” (ARAÚJO, 1986, p.82). Graças, a este perfil, diríamos revolucionário, o jornal acabou sendo perseguido, deixando de circular no ano de 1891.

Depois da *Gazeta do Sertão* vieram os seguintes jornais: *O Alfinete* (1889), *O Tempo* (1890), *O Campinense* (1892), *O Álbum* (1894), *Gazeta dos Artistas* (1894) e *O Echo* (1895). Primeira leva de periódicos campinenses, com um jornalismo feito de maneira completamente artesanal e de circulação avulsa, com quase sem nenhuma infraestrutura material, porém mantido por intelectuais, geralmente professores ou juristas. Segundo Fátima Araújo (1986), o mais duradouro destes periódicos foi *O Echô*, que teria funcionado até o ano de 1905.

A partir de 1905, já com as expectativas da construção da estrada de ferro, e da chegada do Trem ocorrido dois anos depois, outros jornais começaram a funcionar: *O Prelúdio* (1905), *O Campina Grande* (1909) e *o 15 de Novembro* (1910). Dirigidos em sua maioria por estudantes de Direito, como Gilberto Leite, Protásio Sá e Antonio de Sá, os dois últimos periódicos, trouxeram as primeiras inovações para a imprensa campinense, publicando pequenas matérias, juntamente com poemas e outros textos de natureza literária. Neste contexto, as primeiras tipografias, advindas principalmente do Recife, já indicavam um crescimento do periodismo da cidade.

Todavia, é apenas em 1912, que o jornalismo campinense ganha o seu primeiro jornal com uma estrutura mais arrojada, o *Correio de Campina*, periódico pertencente ao grupo político ligado a Cristiano Lauritzen, dinamarquês radicado no Brasil, na época Prefeito de Campina Grande. Nomes como José Alves Sobrinho, Lino Fernandes de Azevedo, Severino Pimentel e Lino Gomes foram alguns dos intelectuais que deram sustentação ao jornal, com matérias, poemas e artigos de opinião. Com altos e baixos, o jornal teria funcionado até o ano de 1932.

O *Correio de Campina* já trazia em suas páginas na década de 1910, representações do “ideário progressista e moderno” de Campina Grande, sob forma de

crônicas publicadas semanalmente. O jornal acompanhou durante duas décadas o crescimento da cidade, ainda com características rurais em muitos aspectos, e interagia com os grupos sociais, através de textos que salientavam as questões políticas, sociais e culturais do município (notadamente os eventos da alta sociedade). Já trazia algumas propagandas em suas páginas, porém, sua estrutura gráfica ainda prevalecia precário em diversos aspectos.

Constatação também presente no aspecto gráfico dos jornais *O Proêmio* (1915), *A Renascença* (1915), *O Democrata* (1916) e *A Razão* (1917-1919). Títulos que foram lançados de maneira artesanal. Contudo, entendemos que são indicativos do benefício da construção da estação do trem em 1907, o surgimento de tais jornais demonstram o interesse no periodismo na cidade. Estes periódicos citados foram mantidos, quase todos, pela própria tipografia do *Correio de Campina*. A exceção do jornal *A Razão*, pertencente ao grupo de oposição a Cristiano Lauritzen, sendo liderado por Afonso Campos e Salvino de Figueiredo (este último diretor do órgão).

A ansiedade quanto à publicação se fazia sentir pela maneira pela qual eram apresentados estes periódicos no seu primeiro e às vezes único número. Exemplo era a espécie de editorial do jornal *O Proêmio*, que tinha como redator chefe Bonifácio Câmara, que dizia: “*Há muito tempo lutávamos para fundar este jornalzinho, porém eram tantos os empecilhos que se apresentavam, que somente hoje, removidos me parte temos a grata satisfação de o trazer as mãos do publico*”. Mais a frente, temos o objetivo do periódico: “*A fundação de um periódico para tratar de tudo que diz respeito ao interesse da mocidade, já se fazia sentir em Campina*” (Nº1, 3 de março de 1915, p.1).

No mesmo ano a equipe de redatores também formada por jovens, Mauro Luna, Luiz Correia e Luiz Soares, todos com menos de 20 anos de idade, que ansiavam por um espaço dão voz ao seu *A Renascença*, jornalzinho que possuía um perfil literário em muitos aspectos. O mais interessante é perceber a forma com estes jovens jornalistas se apresentam depois de alguns meses de atuação do jornal, já se sentindo experientes:

A VIDA INTENSA da sociedade, caros leitores, dia a dia, vai exigindo dos jornais, num tal desenvolvimento, que o jornalismo é hoje uma das carreiras mais difíceis que há. Alhures, levado por fantasias, qualquer moço podia escrever ou fazer parte de um jornal, mas hoje o jornal deixou a revista a sua feição literária e embrenhou-se pelo Dédalo emaranhado das coisas sociais, tornando-se de fato um apontador, um mestre aqueles que lutam, que vivem, isso é, aqueles que trabalham.

Daí, ser a direção de um peso excessivo e o jornalismo uma árdua tarefa não raro semeada de dissabores.

É verdade que a medalha tem o seu reverso e este é a consideração e a prerrogativa gozadas pelos homens de imprensa.

Relativamente ao público quão difícil é o ser contentado; vejam só lia a parte telegráfica; as gentis leitoras só se ocupam de modas e crônicas sociais.

Ora, assim vemos que o publico é exigente e tem as suas predileções, que não podem ser contestadas.

Pessoas há que gostam de ler questões policiais; outras de artigos políticos, de musica, dos fatos locais, da parte comercial e assim sucedem-se as secções de novidades estrangeiras, anúncios e até do pobre indicador.

Chovem no escritório reclamações as mais estultas e artigos de colaboração os mais desastrosos.

E o pobre jornalista qual novo Ahasvero, procurando satisfazer leitores e assinantes, vai numa luta do cotidiano, arrastando a sua cruz pela rua da amargura, passando as vezes até horas altas da noite esperando a volta do ultimo repórter para redigir talvez uma noticia necrológica. (Nº12, 12 de setembro de 1915, p.1)

Já na década de 1910, jornais identificados com as práticas específicas de lazer, atuavam como *O Democrata*, que auto-intitulava um “*Órgão literário, crítico e noticioso*”. Amparados pelo anonimato dos pseudônimos, os redatores do periódico divulgavam-no durante as apresentações dominicais das bandas sinfônicas em praça pública no início do século XX em Campina Grande, como forma de “flertar” com as moças presentes neste acontecimento social, as disputadas retretas.

No jornal *A Razão* prevalecia os interesses políticos da oposição. Fundado em 1917, o periódico possuía o seguinte subtítulo: “*Jornal de Maior Circulação no Interior do Estado*”. De interesse eminentemente político e partidário, trazia um formato tradicional, sem imagens, com textos longos de caráter opinativo, quase sempre enfocando os problemas da gestão “do gringo”, como era chamado Cristiano Lauritzen.

Ainda na década de 1910, funcionou em Campina Grande entre os anos de 1916 e 1917, o informativo *O Gabinete*, sempre lançado durante o aniversário de fundação Gabinete de Leitura 7 de Leitura. Enquanto “lugar de letrados”, interessados na prática da leitura, o jornalzinho possuía a função de informar as atividades da instituição durante as gestões das diretorias.

Chegando o ano de 1920, que dá início a uma nova década, surge nova leva de periódicos, como *O Novenário* (1920), primeiro informativo da Festa de Nossa Senhora da Conceição; *O Clarão* (1922/1923), órgão do Instituto Olavo Bilac, do professor e poeta Mauro Luna; *O Lidador* (1922), primeiro jornal de “classes” da cidade, pertencente a Associação dos Empregados do Comércio Campinense; *O Sport* (1923), fundado pelo poeta José Malheiros, primeiro jornal desportivo de Campina Grande; *Gazeta do Sertão* (1923/1924), em sua segunda fase, desta vez dirigida, pelo recém-

formado em Direito no Rio de Janeiro Hortênsio de Sousa Ribeiro; *A Palavra* (1925), mais um órgão ligado ao Gabinete de Leitura 7 de Setembro e *O 31* (1926), periódico ligado ao Grêmio Renascença.

Nesta década como percebemos as associações se multiplicaram e, portanto, tendo muitas delas criando os seus próprios periódicos, no sentido de comunicar com seus associados. No caso do Instituto Olavo Bilac, Mauro Luna, demonstrando o seu moderno método de ensino, enfatiza a motivação da criação deste jornalzinho: “*Esta folha será publicada anualmente. Tem ela por objetivo difundir o gosto pelo estudo, entre os alunos do Instituto Olavo Bilac*”. Como estratégia de estímulo, Mauro Luna destaca os alunos mais dedicados, publicando textos e fotografias dos mesmos e divulgando notas e trechos de provas.

Já no final da década de 1920, os jornais começam a possuir um perfil mais político e ideológico. O primeiro que identificamos com esta característica foi *O Século*, que funcionou entre 1928 e 1929, sendo dirigido pelo jornalista Luis Gomes da Silva. Nascido em Campina Grande em 1 de outubro de 1898, formando-se em Odontologia pela Faculdade do Recife em 1922, Lino Gomes pouco exerceu a profissão, dedicando-se intensamente ao jornalismo, sendo diretor de vários periódicos em Campina Grande e João Pessoa. Foi redator da *A União* e fundador dos jornais *O Século* e *Praça de Campina*. Durante muitos anos assinou seus trabalhos com o pseudônimo Luis Peixe.

No segundo número do jornal *O Século*, o intelectual Rodrigues de Carvalho (residente na capital do estado) comenta a chegada do novo jornal numa cidade do interior, enfatizando os dilemas inseridos neste processo:

Mais um jornal se publica em Campina Grande! Mais um exemplo de estímulo! Mais um motivo de rixas!

O jornal é comprovação de progresso, como o é a eletricidade; mas os inconvenientes da eletricidade pesam tanto quanto as utilidades.

As minhas felicitações a quem funda jornal em cidade ou capital de vida aldeia, são muito restritas. Não me derramo em aplausos porque os menores sacrifícios para os fundadores e cooperadores são os do dinheiro gasto inutilmente.

Isto não é uma ducha fria sobre o calor da mocidade de todas as Campinas do Brasil; mas um vago temor que envolve um vago conselho.

Publiquem-se gazetas nas localidades do interior, mas façam dos interesses do município e da Paraíba uma taboa de bater roupa limpa, nunca de bater roupa suja.

(...)

Rodrigues de Carvalho

Parahyba, Julho de 1928. (Nº 2, 21 de Julho de 1928)

Percebe-se a lógica de pensamento que Rodrigues de Carvalho construiu, colocando a conquista de um jornal semelhante à eletricidade, como uma comprovação de uma experiência moderna na cidade. Aspecto bem comum naquela época nas páginas dos jornais, a crença no progresso destacado sob forma de crônicas, reportagens, entrevistas.

Com a “Revolução de 1930” o Brasil passa por mudanças expressivas no quadro político. Os jornais campinenses acabam por expressar também estas mesmas transformações, pois assim como “*a chegada de Getúlio Vargas ao poder implicou deslocamentos importantes no cenário da grande imprensa*” (LUCA, 2010, p.169), também os pequenos periódicos das cidades do interior sofreram variações, principalmente no que refere à ascensão das ideologias comunistas e integralistas. Neste contexto, dezenas de periódicos se multiplicaram, principalmente entre 1934 e 1937, período denominado pelos historiadores de constitucional.

Em 1931, os advogados e políticos José Tavares Cavalcanti e Octavio Amorim, convidam o jornalista Tancredo de Carvalho, vindo da cidade de Solânea, para fundar um jornal, chamada simbolicamente de “Brasil Novo”. Nas palavras de Tancredo de Carvalho (1975), “Campina Grande surgia como um centro que começava a dar os primeiros sinais de inquietação, mas faltava-lhe um jornal que a dispusesse sinais de inquietação, mas faltava-lhe um jornal que a dispusesse a fazer uma campanha com essa patriótica finalidade” (p.52).

No primeiro número podemos destacar as questões ideológicas fortes nas intenções da criação do periódico, bem como o contexto específico, pós-golpe de Getúlio Vargas, numa reivindicação por reformas políticas que possibilitassem um “Brasil verdadeiramente novo”:

Nosso Rumo

A inexistência de partidos políticos, nesta fase transitória da vida nacional, exclui logo a hipótese de ser Brasil Novo um órgão de feição partidária. Também não é uma obra de grupos de fins políticos. Surge por uma necessidade decorrente desse ambiente de reorganização, em que o povo espera dos governantes a aplicação positiva dos princípios que nortearam o movimento revolucionário de Outubro. Ora, não é possível uma aplicação rigorosa desses princípios, sem o concurso dos governados, e estes só na imprensa encontrarão o meio mais eficiente para manifestar os seus anseios e aspirações. Nossa folha, pois, procurará o mais possível refletir esses anseios e aspirações populares.

Nunca, talvez, no Brasil, a função da imprensa honesta foi tão necessária como agora. A normalidade constitucional, determinando a ausência de corpos legislativos, conferiu aos dirigentes uma autoridade ditatorial incompatível com as tendências democráticas do nosso povo, que sempre revelou profunda aversão a qualquer regime absolutista. (...)

(BRASIL NOVO, Nº 1, 10 de janeiro de 1931)

Em 1932 surgiram mais dois jornais, o *Comércio de Campina*, dirigido pelos professores e jornalistas Almeida Barreto e Alfredo Dantas; e *O Rebate*, que tinha como subtítulo: “Órgão proletário de interesse regionais”, fundado por Luiz Gil de Figueiredo, Pedro D’Aragão e Eurípides de Oliveira, o mesmo grupo que criou em 1929, a Sociedade Beneficente dos Artistas.

Considerado um dos jornais mais duradouros da história da imprensa de Campina Grande, pois circulou até a década de 1960, as motivações de sua fundação nos parecem cercadas por um combate ao comunismo, na época em ascendente interesse com a classe operária e com os intelectuais da época. Eurípides de Oliveira, em entrevista a Ronaldo Dinoá (1993) esclarece as motivações da criação da Sociedade Beneficente dos Artistas, o que acaba trazendo um indício sobre as motivações ideológicas do próprio jornal *O Rebate*: “(...) em 1929, o Partido Comunista estava organizado em Campina Grande, tinha sede e era muito freqüentado. Foi quando resolvi fazer campanha contra. Aproveitei uma dissidência e criei a Sociedade Beneficente dos artistas” (p.322).

Em 1934, somado as conquistas tipográficas do município, com a proclamação da nova Constituição do mesmo ano, multiplicaram-se os pequenos jornais em Campina Grande. Espírito de liberdade que imperou até 1937, quando do Estado Novo, que diminui consideravelmente a liberdade de imprensa. Surgiram: *Flâmula*, jornal de tendência vanguardista, editados por Antonio Moraes, Paulo Brazil, Milton Coura e Lopes de Andrade; *Praça de Campina*, dirigido por Luis Gomes da Silva, sendo um “Órgão de Defesa e propaganda comercial”; *A Batalha*, jornal de tendência comunista, dirigida por Arlindo Correa e Isidoro Aires, que funcionou de 1934 a 1935; *A Ordem*, órgão da Maçonaria, fundado por J. Leite Sorinho e Zeferino Lima; *A Frente*, de Arlindo Correa e Bianor de Freitas, também com tendências comunistas; *O Farol*, dirigido por João Henriques de Araújo; *O Paulistano*, sob orientação dos jovens intelectuais Lopes de Andrade, Milton Coura e Francisco Lima, que circulou até 1936; *Evolução-Jornal*, “Periódico independente e noticioso”, ligado ao Instituto Pedagógico, dirigido por Olavo Bilac Cruz e Orlando Santos, que funcionou até o ano de 1936; *A. E. Jornal*, “órgão da associação dos empregados do comércio”, dirigido por Magalhães Cordeiro, com tendências socialistas.

A crença no ideário progressista se intensifica nas páginas destes jornais, a exemplo da *Praça de Campina* no N° 1, 30 de Setembro de 1934, que trouxe dentro de seu discurso ufanista, seus objetivos, no que se refere às questões políticas que começavam a se expressar naquele momento:

Este jornal é para Campina. Nasce de uma necessidade inadiável de que se resente a nossa terra, de um periódico que seja profundamente seu, que exalte a sua reconhecida importância econômico-financeira, que noticie todos os fatos de sua agitada vida da cidade cosmopolita, sem faciosismo, e, sobretudo tudo, *sans peur el sans reproche*.

Praça de campina, será pois um jornal, cujo titulo é a síntese de um programa, que diz muito alto de nossas tendências para o futuro cheio de grandeza, que está reservado a encantadora e ativa Rainha da Borborema.

Periódico político, comercial e independente, Praça de Campina será a voz do povo, ecoando na consciência dos homens que ainda simpatizam com o progresso desta região, que só agora vai viver para a gloria dos seus grandes e imperecíveis desígnios. (p.1)

De todos os jornais criados a partir de 1934, *A Batalha e A Frente*, se colocam enquanto periódicos ligados a classe operária na cidade de Campina Grande. O primeiro diz ser “Órgão dos trabalhadores e dos interesses gerais”, o segundo como “Órgão do Comitê dos sindicatos de operários de Campina Grande”. Ambos tiveram em suas páginas o combatente Arlindo Correia da Silva, jornalista destacado que se envolveram em dezenas de debates ideológicas com outros intelectuais, geralmente ligados ao catolicismo ou ao integralismo. Exemplo que podemos trazer é um texto publicado em 16 de maio de 1935, *O integralismo na Paraíba*, no jornal *A Batalha*:

Não temos o intuito de defender o Integralismo, pois a sua defesa tem sido feita brilhantemente pelos Srs. Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Miguel Reale e grande numero de outros escritores, seus adeptos. Também não nos move o intento de atacá-lo, pois essa tarefa vem sendo desempenhada por elevado numero de outros escritores, bastando citar o nome acatado do Sr. Macedo Soares, diretor do “Diário Carioca”.

Queremos tão somente localizar a indiferença com que os paraibanos estão olhando os camisas-verdes da terra.

Quer parecer-nos que é a capital de nosso estado a única dentre todas as outras a Federação que contar menor numero de adeptos do Sigma, e esta circunstancia é explicada por muitos dos nossos conterrâneos pelo ambiente de ordem e paz desfrutado pelos paraibanos no governo atual.

Outra razão, porem, encontramos para o caso.

Ninguém ignora que, para nuclear-se um movimento como o Integralismo, torna-se preciso que os seus orientadores gosem de uma certa simpatia por parte da população ou então de quem dirige essa população; e nós bem sabemos que o chefe do Integralismo entre nós, Sr. Pedro batista, não tem requisitos necessários para gozar tais simpatias.

Alias, quando aqui estive o Sr. Valdemar Pessoa, representando o Sr. Plínio Salgado, foi apresentado ao Sr. Pedro Batista o “bilhete azul”, tendo até um dos jornais da Capital noticiado o fato.(...) (A BATALHA, 1935)

No jornal *A Batalha*, no N°2, de 20 de maio de 1934, o mesmo Arlindo Correa debate com Epaminondas Câmara, correspondente de Campina Grande no jornal católico *A Imprensa*, sobre críticas ao ateísmo do movimento sindical campinense:

Canalhice!

O correspondente do diário católico “A Imprensa”, desta cidade, de quando em vós, como piolho que se mete em costuras, aparece na faina ingrata de denegrir os que não rezam por sua cartilha e vizando melhorar a sua obra de fancaria.

Porém, ele deu um salto errado, e foi mergulhar no mesmo local quando de sua agressão covarde e brutal ao Sindicato dos Varejistas.

Se as acusações e as ironias personalíssimas dirigidas aos diretores deste jornal, fossem articuladas por outrem, e não por um analfabeto em coisas socialistas, um fanático que vive a detratar de todos os sindicatos com o intuito preconcebido de ser o coveiro destas instituições, não nos afastaríamos da linguagem moderada e esclarecida.

No entanto ao rebatermos as infâmias atiradas a nossa porta, por um desmemoriado, um obsedado contra todos os homens de independência, temos a convicção absoluta de que a cuspeira de um tarado não alcançará a obra que estamos construindo para os intermerados trabalhadores campinenses.(...)

Entre 1935 e 1936, surgem vários outros periódicos ligados aos principais colégios e órgãos representativos dos estudantes. Neste sentido, começam a disseminar pela cidade, sobretudo, das escolas particulares da elite, os seguintes jornalinhos: *O Colegyal*, órgão da academia D. Adauto, do Colégio PIO XI, criado em 1935, que circulou até o ano de 1940; um ano depois, sai *A Voz da Mocidade*, fundado por José Fernandes Dantas e *Formação*, periódico ligado ao Centro Estudantal Campinense, tendo Claudio Agra Porto como diretor. Este último funcionou até a década de 1940, ressurgindo depois no ano de 1950, tendo como diretor Ronaldo Cunha Lima.

No jornal *Evolução-Jornal*, de 7 de agosto de 1935, encontramos um interessante artigo, intitulado “O Jornalismo em Campina Grande”, no qual o autor refere-se as dificuldades de implementar um jornalismo consciente na cidade, e destaca a importância das associações estudantis e filantrópicas para o desenvolvimento da imprensa da época:

Por ser a nossa cidade essencialmente comercial e industrial, nota-se, com tristeza, o indiferentismo votado por seu povo ás letras, o que, infelizmente, a torna pequena ante outras menores como Caruaru e Garanhuns.

Não quero dizer com isso que não vivam aqui bons poetas, beletristas, jornalistas e ensaiadores de crítica até. Isto não. Aqui os há e muitos.

Refiro-me a outra parte que, por se achar mergulhada, absorvida em cálculos e antevisões de lucros comerciais, não se dá ao trabalho de ler o que os outros escrevem e muito menos ao de rabiscar duas palavras para os nossos pasquins.

Votando esse indiferentismo, deixa de comprar as pequenas e poucas folhas que circulam na cidade, resumidas, quase, em anúncios comerciais.

E é por esse motivo que não temos um bom jornal e porque os que aparecem, vez por outra, vivem vida efêmera.

Si não fosse o ingente sacrifício de uma plêiade de moços do Instituto Pedagógico e Colégio Pio XI e os interesses demonstrados por essas duas formidáveis instituições sociais que são a Maçonaria e Sociedade dos Artistas, de certo não teríamos aqui uma folha que trouxesse sempre algo de lenitivo aos nossos espíritos e fizesse a resenha de nossos acontecimentos e os de fora, sabidos já oito dias antes.

Com um pouco de bairrismo dos nossos homens do comercio e do povo em geral, jogando \$200 aos gazeteiros que apregoam nossas folhinhas, poderíamos ter, quem sabe, jornais a altura de nosso adentamento social e comercial, onde leríamos diariamente o que se passaria entre nós e estaríamos em dia com o resto do mundo por meio de um serviço telegráfico especial e mais outras inúmeras vantagens que a imprensa anos oferece.

Confiamos, contudo, no futuro.

(JORNAL EVOLUÇÃO, 7 de agosto de 1935)

Em 1937, é criado em Campina Grande, *A Voz da Borborema*, que depois do *Correio de Campina* e de *O Rebate*, foi o terceiro grande jornal do município na primeira metade do século XX. Surgido para “enaltecer” o grupo político ligado Argemiro de Figueiredo, escolhido como interventor do estado da Paraíba em 1935, sua direção estava nas mãos de Acácio Figueiredo, irmão do governador.

O semanário acabou sendo “porta voz” do governo do estado, identificando claramente suas posições aos políticos Argemiro de Figueiredo, além de José Américo de Almeida e Getúlio Vargas, contendo já naquela época modificações consideráveis na estrutura gráfica, com a publicação de fotografias, informações através de agencias internacionais, além de trazer as colaborações de alguns dos principais jornalistas campinenses, como Hortensio Ribeiro, Carlos Agra, Aduino Rocha, Mauro Luna e João Mendes.

A imprensa periódica na década de 1930 experimenta mesmo irregularmente um verdadeiro boom. O ambiente do jornalismo vive um clima de bastante otimismo em relação aos décadas anteriores. Tornam-se freqüentes e concorridas as festas de batismo dos novos periódicos, realizadas com toda pompa nas confeitarias da moda ou nos parques da cidade, com a presença da classe jornalística, Mas por outro lado, eram os jornais de Pernambuco, que atuavam de maneira mais constante, graças ao seu modelo industrial, já presente desde o final do século XIX. Antonio Moraes lembra em uma crônica, alguns tipos populares, como Zé do Povo, que trabalhavam vendendo os periódicos que circulavam no início da década de 1930:

(...) toda gente conhecia a voz de Zé Povo, quando ele passava, á noite, depois da chegada do trem, anunciando em voz alta, os nomes dos jornais da chegada do trem, anunciando em voz alta, os nomes dos jornais que vinham do Recife: PROVINCIA! JORNAL DO RECIFE! DIARIO DE PERNAMBUCO! JORNAL PEQUENO! Aos domingos anunciava: O CORREIO DE CAMPINA (1985, p.66)

Vejamos a quantidade de nomes de jornais do estado de Pernambuco evocados pelo jornaleiro, e só o *Correio de Campina*, por último, citado. Uma evidência forte da diferença da influência dos periódicos pernambucanos na cidade de Campina Grande, em relação com os mesmos da própria cidade. Entre eles, destaque para os mais influentes do nordeste, como os jornais *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Comércio*, que entre os anos 1940 e 1950, chegaram a possuir jornalistas correspondentes da cidade, a exemplo de João Souto e Epitácio Soares.

Mesmo com todo o crescimento quantitativo, o jornalismo campinense, diferentemente dos jornais pernambucanos, possuía um ritmo lento com relação à chegada do modelo comercial na imprensa. De acordo com Ana Luisa Martins e Tânia Regina de Luca (2010): “(...) a chegada do século XX se impôs com seu cortejo sedutor de novidades prontamente trazidas para a criação da grande imprensa e a ampliação do parque gráfico” (p.11), experiência vivenciada principalmente na região sul do país. Visto que em Campina Grande a imprensa se manteve em muitos aspectos com um modelo artesanal, principalmente as pequenas folhas que surgiram com a mesma intensidade que desapareciam. De maneira geral, salvo poucas exceções, os jornais campinenses, eram folhas impressas de quatro paginas, com duas a quatro colunas, constituídos por pequenos grupos, formado por 2 ou 3 pessoas, com seus escritórios e redações, adaptados em suas casas, bares, escolas, sindicatos e associações diversas.

Com o advento da propaganda enquanto linguagem moderna, os periódicos campinenses não conseguiram se afirmar de maneira profissional. Mesmo assim, o desenvolvimento do mercado e da linguagem da propaganda colocou-se como uma pressão para renovação/redefinição dos sentidos sociais e da linguagem da imprensa.

Na cidade crescente, fabricantes e comerciantes, agentes de mercado em acelerado desenvolvimento, encontram nos reclames o espaço de visibilidade para seus produtos e serviços. Em anúncios chamativos, a propaganda emergiu como uma importante referência a linguagem da cidade em formação.

No Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, em suas capitais e principais cidades do interior a tipografia e seu conteúdo artesanal, foi se desgastando enquanto modelo, chegando à experiência de um jornalismo empresarial. No caso de Campina Grande, o jornal *A Voz da Borborema*, já trazia algumas destas características,

pois em setores bem definidos, com redatores, fotógrafos, setor comercial, entre outros, funcionando até o ano de 1939.

Nas grandes capitais o jornalista distanciou-se do tipógrafo, e a redação da gráfica. O cronista Gonzaga Rodrigues, destaca a sua experiência diante de uma tipografia que ficava na própria redação do jornal *O Rebate* em Campina Grande:

Meu primeiro deslumbramento com a técnica de impressão tinha ocorrido na oficina de *O Rebate*, jornal do professor Luiz Gil, de Campina grande. Era impresso numa máquina Minerva de alimentação manual, duas páginas tamanho tablóide por cada cilindrada, e me fez mais contemporâneo do primeiro mundo, do desenvolvimento tecnológico do que, décadas depois, a descida á lua” (2003, p.69/70)

Com o desenvolvimento das artes gráficas cresce consideravelmente o número de tipografias na cidade, todavia destacam-se as oficinas gráficas do jornal *O Rebate*, e a oficina gráfica do antigo jornal *Correio de Campina*, chamado a partir da década de 1930, de *Atelier Gráfico*, que em propaganda afirmou “Sob a direção de um profissional, com longos anos de pratica, capaz de confeccionar qualquer trabalho com absoluta perfeição, só o da “Evolução” (antiga oficina do “Correio de Campina”)”

Diferentemente da década de 1930, o número de jornais em funcionamento na década de 1940 diminuiu consideravelmente, principalmente as pequenas folhas, tão comuns em anos anteriores. Uma das principais causas foi o aumento do preço do papel durante a Segunda Grande Guerra (1939-1945). Continuava a funcionar o jornal *O Rebate*, imperando nas ruas como o mais consumido na cidade. Surgiram ainda *A Voz do Dia*, jornal de orientação panfletaria, que funcionou de 1945 a 1946. Segundo Fátima Araújo (1986), “Para alguns jornalistas campinenses, esta foi à primeira folha diária de Campina Grande; outros consideram como tal *A Batalha*, de 1934” (p.89/90).

Desde início o jornalismo campinense, teve a participação efetiva dos intelectuais na imprensa, sendo o jornal como lugar de afirmação da carreira de praticamente todos os escritores e como suporte principal de divulgação e circulação dos textos literários. Segundo Flora Sussenkind (1987): “*Além de ampliar o número de interlocutores para o texto literário, a colaboração na imprensa se apresentava, no período, como a única trilha concreta em direção á profissionalização para os escritores*” (p.74)

Discutindo a relação entre escritores e a imprensa, Maria de Lourdes Eleutério (2010), conclui que a modernização barateou sobremaneira o custo do impresso, tornando possível o lançamento de um sem-número deles o que se fez acompanhar de

novas oportunidades para os que desejassem sobreviver do trabalho da escrita. “Escrever na imprensa, tornou-se não apenas uma fonte de renda, mas também instrumento de legitimação, distinção e mesmo poder político”. (p.94)

Desta maneira, diante do quadro da imprensa campinense, conseguimos perceber o perfil do periodismo na cidade, em categorias como os *jornais políticos/partidários*, os *jornais sindicais/operários* (no campo popular, as vanguardas do movimento operário concebem a imprensa como instrumento fundamental de propaganda das idéias revolucionárias e de educação do proletário), *jornais estudantis/escolares* e os *jornais associativos/recreativos*, ligados a clubes e associações da cidade (futebol, lazer, literatura, etc.).

Temos ainda os chamados jornais de festas, publicados principalmente na Festa de Nossa Senhora da Conceição, no mês de dezembro, no qual se multiplicavam os periódicos, geralmente humorísticos e informativos, produzidos pelos intelectuais da cidade. Segundo Antonio Moraes “Os jornalinhos da festa eram aguardados com ansiedade, pois eram a sensação que agregava e divertia a todos, porque bulia com toda gente da sociedade” (1985, p.43). E relatando quem eram os redatores destes periódicos o mesmo cronista relembra:

Todos os jornais de festa eram disputados. Citaremos alguns: o “Pirilampo”, de Mauro Luna, Anésio Leão e Jaime Santiago; o “Vesper”, de José Maciel Malheiros e Tomaz Cantuária; “Morena”, de Elias Pereira de Araújo e Fernando Santos; “Boneco”, de Lopes de Andrade e Antonio Moraes; o “Detetive”, “Rindo” e outros. O “vésper” trouxe uma inovação: era impresso em papel couchê especial, e publicava o clichê de uma moça bonita, de destaque, diariamente, e o seu concurso de beleza oferecia prêmios de valor, como máquinas de costura, etc. os colaboradores desses jornais de festa, além dos já citados, lembremos de mais alguns: Iracema Marinho, Zé da Luz, Lopes de Andrade e Milton Coura. (idem)

Portanto, chegamos ao fim da trajetória dos jornais produzidos em Campina Grande entre 1913 e 1953, deixando claras as especificidades de cada um dos periódicos, mesmo que analisando mais uns do que outros. Podemos compreender o perfil do jornalismo campinense nesta primeira metade do século, no que se refere as dificuldades de instituir uma cultura impressa na cidade.